



MOURA, Nathali Ramos. **De casas e internatos: o papel do espaço no percurso da personagem em “O internato”, de Lya Luft.** *Revista Diadorim / Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro.* Volume 9, Julho 2011. [<http://www.revistadiadorim.letras.ufrj.br>]

DE CASAS E INTERNATOS: O PAPEL DO ESPAÇO NO PERCURSO DA PERSONAGEM EM “O INTERNATO”, DE LYA LUFT

Nathali Ramos Moura*

RESUMO

Este trabalho propõe uma leitura do conto “O internato” (*O silêncio dos amantes*, 2008), de Lya Luft, investigando como o espaço interfere no percurso da personagem. Observa-se como Luft constrói uma narrativa em que o narrador personagem do sexo masculino (algo pouco comum em suas narrativas) faz o percurso do excluído de casa, espaço de tensas relações familiares. A fim de estudar as relações entre espaço e sujeito, ou seja, entre espaço e personagem, este trabalho conta, principalmente, com as contribuições de *A poética do espaço*, obra em que Gaston Bachelard discute o papel do espaço e sua dimensão simbólica, contribuindo para uma percepção do espaço que é superior à de palco para as complicações do enredo. *Casagrande & senzala*, de Gilberto Freyre, obra em que o autor faz o mapeamento da formação da sociedade brasileira primordialmente patriarcal, contribui para entender a “natureza” das situações de dominação na esfera privada da sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Lya Luft, espaço, família, violência.

ABSTRACT

This article proposes a reading of the short story “O internato” (*O silêncio dos amantes*, 2008), by Lya Luft, who investigates how space affects the path of the character. We can note how Luft constructs a narrative in which the male narrator character (something unusual in her narratives) is excluded from the route of the home area of strained family relationships. In order to study the relationships between space and character, i.e., space and subject, this work mainly features with contributions from *A poética do espaço*, Gaston Bachelard’s work that discusses the role of space and its symbolic dimension, contributing to a perception of space that is superior than stage to the complications of the plot. *Casa-grande & senzala*, Gilberto Freyre’s work in which the author maps the formation of patriarchal Brazilian society, helps to understand the “nature” of situations of domination in the private sphere of society.

KEYWORDS: Lya Luft, space, family, violence.

* moura.nathali@gmail.com - Mestranda em Teoria Literária – UFRJ

A casa é uma das maiores [forças] de integração para os pensamentos, as lembranças e os sonhos do homem. Gaston Bachelard, *A poética do espaço*.

Em *Casa-grande & senzala*, ensaio antropológico de Gilberto Freyre em que o autor aborda a formação da sociedade brasileira, observa-se que o enfoque favorece a esfera privada, a vida cotidiana, como o próprio nome da obra nos sugere.

Ao relacionar a casa-grande e a senzala, o autor trabalha com duas esferas privadas de tensão e poder, em que uma se coloca acima da outra, subjugando, oprimindo e regulamentando. Freyre afirma que a família foi o grande fator colonizador do Brasil, haja vista que os portugueses foram um dos primeiros colonizadores a se estabelecerem em colônias, dado que possibilitou a miscigenação e formação de uma nova sociedade híbrida, demonstrando, assim, que a formação patriarcal do Brasil deve muito mais a fatores de experiência de cultura, econômicos, e de organização da família, que foi, aqui, a unidade colonizadora.

A importância dos estudos de Freyre para este trabalho se deve à valorização do espaço da casa, abordado pelo autor como um símbolo de diferença entre o português do império e o português luso-brasileiro. As habitações (casa-grande) aqui construídas no século XVI não se assemelhavam em nada às construções dos solares lusitanos. Isso “já era devido a condições climáticas e geográficas, uma habitação marcada pela ‘cultura dos trópicos’; ‘já (...) quase outra raça, exprimindo-se em outro tipo de casa’. Como diz Speengler – para quem o tipo de habitação apresenta valor histórico-social superior ao de raça” (2003, p. 36).

Os estudos de Gilberto Freyre observaram que, desde o início do período colonial, havia certo sadismo nas relações entre colonizador e colonizado, no que diz respeito aos relacionamentos entre senhores e escravos/as; fato é que os filhos dos senhores possuíam um escravo de companhia, conhecido muitas vezes como “levapancadas”. Essa relação dizia respeito não somente às brincadeiras pueris, como também se estendiam à iniciação do menino branco à vida sexual e amorosa.

No curso das relações sociais, sobretudo no que se refere à esfera privada, vê-se como “resultado da ação persistente desse sadismo de conquistador sobre o conquistado, de senhor sobre escravo, [...] a circunstância econômica da nossa formação patriarcal, da mulher ser tantas vezes no Brasil vítima inerme do domínio ou abuso do homem; criatura reprimida social ou sexualmente, dentro da sombra do pai ou do marido” (p. 114).

A casa-grande teve papel preponderante na formação da sociedade brasileira; logo, na formação da família brasileira. Suas paredes guardavam histórias e situações diversas, elas “representavam [...] imenso poderio feudal” (p. 18), em que o senhor da casa era o símbolo da estabilidade do poder

patriarcal. “A história social da casa-grande é a história íntima de quase todo brasileiro: da sua vida doméstica, conjugal, sobre o patriarcalismo [...]” (p. 44). Dessa forma, entende-se que um dos objetivos do livro é interpretar alguns aspectos mais significativos da formação da família brasileira; objetivo este que se entrelaça ao estudo proposto por este trabalho, uma vez que as relações no espaço da família, ou seja, a casa, são fundamentais para a pesquisa aqui apresentada.

O conto “O internato”, de Lya Luft, do livro *O silêncio dos amantes* (2008), aborda o cotidiano de uma família, com sua formação típica: pai, mãe, duas filhas e um filho. Tão logo a narrativa se inicia, percebe-se que não se trata de um ambiente harmonioso, a casa aqui não é o ninho (que abriga) ou a concha (que protege), ela é, antes, um “abrigo” de tensões e opressões, instauradas já nas primeiras linhas da narrativa:

A primeira lembrança que tenho de meu pai é o choro de minha mãe. Sou ainda bem pequeno. Ela me pega no colo, me aperta contra si e soluça. O cheiro dela, mistura de jasmim – seu perfume doce e barato – e bolo de laranja, passa de seus cabelos para minhas narinas. O conforto desse abraço contrasta com o tormento dela, que eu ainda não entendo bem. E com meu medo (p. 83).

Há instaurado nesse espaço dois polos, o da opressão e o do medo. Nitidamente, ressoam, sob as linhas de Luft, os ecos apresentados por Gilberto Freyre, no que tange ao poderio patriarcal e à repressão aos mais “fracos”, nesse caso, a mulher e a criança. A casa-grande, de Freyre, transforma-se, nesse contexto, em casa da opressão e do medo. Aqui, vê-se que a casa, primeiro universo da criança, torna-se um ambiente hostil.

Em seu livro, *Memória coletiva*, Maurice Halbwachs afirma que as lembranças da infância são constituídas por relatos familiares, pois “é no quadro da família que a imagem [de coisas e fatos] se situa, porque desde o início ela [a criança] estava ali inserida” (1990, p. 39). Diríamos voluntariamente que “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que esse ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo; e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho como outros meios” (p. 5).

Ainda com Halbwachs, percebemos que as formações coletivas mais importantes da sociedade estão ligadas ao espaço, sendo difícil voltar ao passado sem retornar à imagem espacial. No que diz respeito à família, esse grupo liga-se pelo fato de estarem próximos no espaço que criou entre eles relações sociais: uma família pode ser definida, olhando de fora, como um conjunto de pessoas que vivem na mesma casa. Evidentemente, as memórias desse menino são traumáticas e foram impressas

sob a tinta da agressividade, e retornar a esse passado é reimprimir tudo o que outrora pudesse ter sido aparentemente esquecido.

As relações entre espaço, casa e família formam um tripé indissociável na trajetória da personagem do conto em estudo. O espaço da casa era opressor e a família, se algum dia, de fato, existiu, mostrava-se esfacelada; tudo o que o rodeava era alheio, distante, o pai, a casa, a família. Leiam-se os trechos:

Muitas vezes eu a veria chorar por causa da brutalidade dele. Nunca entendi por que ficava naquela casa, com aquele homem, por que permanecia submissa e humilhada, o que de tal maneira a prendia nele e naquela situação. (...) Quando crescemos, quisemos convencer nossa mãe a largar aquele homem brutal, e tentar a vida longe (p.83).

Esse fragmento revela, pela escolha de uso dos pronomes, como eram as relações em casa. O pai é representado por **ele** e **aquele**, marcando com isso um distanciamento. A casa não é minha ou nossa, mas **aquela** casa, demonstrando alheamento e impulsionando a partida, pois não era, para o narrador, o lugar em que ele verdadeiramente habitava, vivia, no sentido pleno da palavra. Em oposição, percebe-se a utilização do pronome **nossa**, ao referir-se à mãe, aquela que poderia tornar o sonho de viver em algo possível.

O tecido narrativo apresentado até então reitera uma das opções estéticas de Lya Luft, quando a autora afirma: “Casas são importantes para mim – meus livros falam disso. É nelas que o fio passa de mão em mão (...). Nas casas lançam raiz futuras lembranças que, somando-se ao que já trazemos ao nascer, vão nos deixar mais fortes ou mais vulneráveis” (2009, p. 87).

Essa dimensão tão simbólica, subjetiva e tão fecunda que pode ser atribuída a casa, é vista de forma detalhada por Bachelard, ao avaliar o valor humano dos espaços. O autor chega a afirmar que casa é todo lugar verdadeiramente habitado: “Ela é nosso canto do mundo. É um verdadeiro cosmos” (2008, p. 24).

Além disso, o autor apresenta alguns tipos de casa, traçando equivalências com a concha, a casa que protege, e o ninho, a casa que abriga. Nesse sentido, a casa do conto não se enquadraria nesses dois postulados bachelardianos, mas seria, antes de tudo, a casa prisão, cujas grades foram cimentadas pelos laços invisíveis da opressão. E, como toda prisão, ela impele seus residentes ao movimento de saída. Não há nela o que poderíamos chamar de felizes aprendizados de humanidade; nela os traços de humanidade transformam-se em traços animais, grotescos e extremos.

Em *O rio do meio*, Luft afirma:

Na família faz-se o primeiro aprendizado de humanidade, complicado por amores não escolhidos, pela multiplicação de laços, numa convivência que pode ser abrigo ou prisão. (...) Se for uma família doente, sem independência econômica, nem segurança emocional, os filhos, talvez a mãe, e até o pai, se sujeitarão a uma escola e rancor (2009, pp. 91-2).

O que temos no conto, de fato, é uma casa doente, uma verdadeira escola de rancor. Ao lembrar a história daquela casa, daquela família, o narrador não sente o reconforto que há quando nos lembramos dos espaços habitados; logo, espaços que deveriam ser por nós amados. Ao contrário, tudo o que se ligava ao mais triste e a um perverso inesquecível habita as “paredes” de sua memória, o que desfaz o sentido de habitação plena e descontrói o ideal da casa que

afasta contingências, multiplica seus conselhos de continuidade. Sem [a qual] o homem se torna disperso. Ela mantém o homem através das tempestades do céu e das tempestades da vida. É corpo e é alma. É o primeiro mundo do ser humano. Antes de ser “jogado no mundo” (...) o homem é colocado no berço da casa (Bachelard, 2008, p. 26).

A casa do conto não é a que abriga dos problemas da vida nem da tempestade, ela se mostra tão selvagem e hostil quanto o mundo. Nela o pai revela sua verdadeira face; a ela também o pai “dedica” aquilo que há de mais ordinário, o que há de pior, desde objetos a ações.

Meu pai era muito religioso. Nunca faltou à missa. Curvava-se para tirar do caminho um inseto a fim de não pisar em cima. Mas a minhas irmãs surrava de cinto, e em minha mãe dava bofetadas que quase a derrubavam. Era mesquinho, contava cada moeda que ela gastasse a mais, só coisas simples e grosseiras entravam em nossa casa. E versículo da Bíblia, claro, ele sabia aquele troço quase de cor. Não bebia, não roubava, acho que nunca cometeu faltas em seu trabalho, era honesto, era muito organizado. Mas em casa, era como se vivêssemos todos num covil. Aquilo não era um lar: era uma caverna de animais, todos atormentados por uma fera (p. 84).

Nesse ponto, a narrativa instaura uma noção de casa (caverna/covil) que se opõe, sensivelmente, ao conceito de casa como ninho, trabalhado por Bachelard. Para o autor, a casa nos daria a noção

ou a ilusão de estabilidade, ela seria o lugar onde o ser se recolhe, assim como para os pássaros ela seria o ninho antes de o homem criar sua “penugem”, sua primeira proteção.

A casa ninho nunca é nova. Poderíamos dizer, de um modo pedante, que ela é o lugar natural da função de habitar. Volta-se a ela, sonha-se voltar como o pássaro volta ao ninho, como a ovelha volta ao aprisco (Bachelard, 2008, p.111).

Contrastando com a “casa ninho” de Bachelard, a casa criada por Luft é aquela que impele seus moradores ao movimento de saída, e seus acessos somente são permitidos pelo patriarca. Essa casa poderia ser classificada como a casa da infelicidade, onde a mãe, mesmo reconhecendo que a situação de convivência entre suas paredes é insustentável, se mantém presa por um sistema de sadismo e opressão que se arrasta pela sociedade, desde os tempos da casa-grande, conforme afirma Gilberto Freyre.

Linhas atrás, a citação de Luft foi exemplar sobre a casa como uma escola de rancor. De fato, essa verdade se confirma, pois à medida que o menino cresce vendo a mãe e as irmãs mais velhas sendo humilhadas pelo pai, ele começa a produzir sentimentos de indignação e agressividade:

A mim detestava abertamente, sobretudo porque nas vezes em que assisti a alguma cena violenta entre eles, sempre meu pai gritando, insultando ou levantando a mão para um tapa, tentei interferir. Chamei-o de animal, de monstro, abracei minha mãe para que ele não a atingisse, mas ele parecia se divertir com isso. Quando eu tinha onze anos, depois de uma briga avancei contra ele, e, mal chegando a sua altura, fiz o que podia: mordi a carne de seu peito e não larguei nem enquanto ele dava tapas e socos. Senti o gosto de seu sangue ruim (p. 84).

Nesse ponto, o acúmulo de tensões dentro de casa chegou ao seu limite. Agora, a casa não comporta mais as duas forças que se prendiam nela. O patriarca havia ensinado ao menino a responder à altura ao seu caráter animalesco; não seria possível continuar no mesmo ambiente que ele. Paradoxalmente, para lutar contra o sistema opressivo da casa, do rei do lar (sim, pois não havia lugar para uma rainha do lar naquele ambiente), o jovem teve de se igualar a ele. Leia-se o trecho: “Agora a gente não podia mais conviver, ele e eu. Foi decidido que eu iria para um internato de padres, longe dali, aprender a ser um homem decente e um filho respeitoso” (p. 84).

Como de costume, o “poder feudal” do pai não foi abalado, mesmo entre choros ou argumentos. Para o pai, o filho era seu inimigo declarado. E ele dizia: “– Tenho um inimigo dentro de casa, e é

esse rapaz. Não quero ver a cara dele por aqui. Não quero que ele cresça perto de mim. Não tenho prato de comida para ele na minha mesa” (p. 85).

Agora, sem os breves intervalos de paz dentro de casa, nos quais ele podia nutrir o sentimento de um lar, nosso personagem crescerá sem referencial de figura paterna, ficando para sempre em sua memória a sombra atormentadora da tirania, aprendendo a (sobre)viver num lugar que era de todos, mas ao mesmo tempo não era de ninguém, onde a “intimidade impessoal” é compartilhada de forma invasiva, o amor e as noções de respeito muitas vezes possuem limites líquidos, e os doces sentimentos pueris se transformarão em rancor e ódio, verdadeiras armas para uma “sobrevida”¹.

Na descrição da personagem, “[o] internato era imenso, o dormitório frio, com chão de ladrilhos, dezenas de camas enfileiradas, tudo ali era impessoal e me parecia ameaçador. Vigilância, suspeita e castigo eram a norma. Lá aprendi a ser limpo, metódico e até obsessivo” (p. 85).

Entra em cena o segundo espaço da narrativa, o internato, escola de tristezas e perversidades, onde o jovem aprenderá a forjar seu caráter, camuflando a herança paterna, seus piores sentimentos e aprendendo a domesticar sua fera interior, uma vez que possui certa “esterilidade sentimental”, que acaba privando-o de relações livres e fecundas.

Estive naquele internato vários anos, e cresci muito mais forte do que seria em casa. Aprendi a me defender, a ser pior do que os piores, para sobreviver (...) transformei o medo em raiva que me impele em quase tudo o que faço, em geral disfarçada debaixo de uma grossa camada de autocontrole e disciplina. Quando ela se rompe, é melhor ninguém estar por perto. Por isso vivo sozinho, sem filhos, sem mulher, sem namorada e sem amigos mais chegados. Assim me sinto melhor. Tudo isso aprendi no internato. (...)

Não me casei porque ninguém se sentia tranquila ao meu lado: era desconfiado demais, a cada beijo esperava a mordida. E talvez aquelas mulheres tivessem medo, o que, no fundo de mim, esperava a hora de sair (pp. 85-86).

Bachelard, ao se referir ao ninho, alia à sua ideia a noção de volta, retorno, já que “esse signo da volta marca infinitos devaneios, pois os regressos humanos acontecem de acordo com o grande ritmo da vida humana, ritmo que atravessa os anos, que luta pelo sonho contra todas as ausências. Nas ima-

1. Utilizamos o vocábulo “sobrevida”, pois estamos admitindo a sustentação da vida do personagem além da morte, como se o que havia de bom na personagem estivesse se esvaindo e como se a única forma de sobreviver fosse nutrir o espírito de sentimentos inferiores.

gens aproximadas do ninho e da casa repercute um componente íntimo de felicidade” (2008, p.111). O autor ainda reitera essas noções, afirmando que o retorno ao ninho deve-se ao fato de que “se voltamos à casa velha como quem volta ao ninho, é porque as lembranças são sonhos, é porque a casa do passado se transformou numa grande imagem, a grande imagem das intimidades perdidas” (p.113).

Outrora expulso do ninho, nosso personagem se tornou o homem corroído pela crueldade do pai e pela fraqueza da mãe. E, quando enfim se livrou do internato, seu desejo não foi retornar àquela casa, desejou habitar longe deles. Afinal, suas lágrimas de uma vida inteira dariam para “inundar uma casa e afogar o pai”; esse seu desejo mais pulsante, o de “uma casa sem pai. Ter de novo o cheiro bom da mãe, os cuidados das irmãs” (p. 86). Para ele, ser feliz já não importava mais, o importante era ter sobrevivido e, claro, ser percebido por todos como um sujeito que não é mau.

Assim, de pássaro excluído, o personagem se transforma simbolicamente em bicho taciturno, cuja única habitação possível seria a concha, onde só há espaço para um, o que reafirma sua opção por uma vida solitária, sem mulher e filhos, hábitos rígidos e metódicos. A respeito disso, poderíamos considerar a noção bachelardiana sobre um ser que vive acorrentado. Além disso, Bachelard afirma que

há um signo de violência em todas as figuras em que um ser superexcitado sai da concha inerte. [Esse jogo possui] uma dialética do oculto e do manifesto. O ser que se esconde, o ser que “entra em sua concha” prepara “uma saída”. Isto é verdadeiro em toda escala de metáforas, desde a ressurreição de um ser sepultado até a súbita manifestação do homem há muito tempo taciturno. [Afinal] os lobos fechados em conchas são mais cruéis que os lobos errantes (2008, p. 123).

Nessa habitação solitária, vive uma fera que deseja se manifestar ao primeiro sinal de possibilidade. Entram em conflito, no conto, duas porções de um mesmo ser, assim como o médico e o louco de “O Alienista” de Machado de Assis.

Após a morte da mãe, instaura-se dentro do contexto narrativo uma possibilidade de reconciliação. Em contrapartida, o tecido do conto de Luft se encaminha em outro percurso. Passado algum tempo em que não se ouvia falar da figura do pai, ela retorna, com caráter grotesco e frágil. Ele, agora, possui atitudes de um animal, no sentido *stricto* da palavra, e, por se tratar de alguém em estado senil, inspira cuidados, como os que se deve ter com uma criança: “(...) uma delas telefonou e disse que o velho estava mal. Alguém as tinha avisado de que vivia na antiga casa feito bicho, vizinhos piedosos às vezes acudiam, ele estava louco de verdade, comia até da lata de lixo (...)” (p. 87).

Agora, o bicho frágil em que o pai havia se tornado, estaria de frente com o lobo que vivia dentro da concha. Não teria chegado, enfim, o dia da conciliação, mas o dia da vingança, resultado de uma luta entre interior e exterior, cujo prêmio seria o prato deliciosamente acre, que o lobo esperou para se deliciar a sua vida inteira:

Interrompo minhas lembranças porque ouço movimentos da criatura que se inquieta no quartinho. Enxugo a sua baba com um pano velho, amarro melhor seus pulsos porque se conseguir soltar as mãos ele arranha os próprios braços e a cara até tirar sangue. Tento não aspirar seu fedor. (...)

Depois volto para lembrar e sentir alegria pelo dia de hoje. (...)

Entendi que tinha chegado a minha hora. Há uma semana a criatura está na minha casa presa no quartinho dos fundos. Consegui finalmente um lugar para ele num asilo de velhos. Fui até lá verificar, e é dos piores: encardido e malcheiroso, atendentes com ar feroz e uniformes manchados, os velhos tapados com cobertores fininhos e remendados, comida parecendo ração de cachorro. É lá que a criatura vai ficar. Faço isso com enorme e maligna alegria. (...) Não quero seu cheiro, sua respiração, sua presença por perto.

Quero que ele sofra todos os sofrimentos que suportei no internato, (...) rosno em seu ouvido, com a ferocidade de um cachorro batido que finalmente pode morder: – Vamos, velho nojento. Hora de ir para o internato (pp. 85,87-88).

O menino que fora excluído do seio familiar, hoje, aprendeu a “ser” o homem decente e o filho “respeitador” que o pai queria. Aliás, seguiu a cartilha que o próprio pai ensinara, sendo ainda “melhor”. Deixou, ao menos temporariamente, que o “velho” habitasse o quartinho dos fundos e depois escolheu bem “o internato” onde ele passaria o resto de sua velhice, assim como ele passou o início da vida.

O texto de Luft aponta situações de ordem cotidiana que poderiam formar o quadro trágico de uma família contemporânea; mostra também muitos núcleos familiares que ainda arrastam mazelas oriundas do tempo da casa-grande & senzala; mais que isso, constrói com maestria os degraus de um texto cujo elemento determinante é o espaço, tantas vezes relegado em manuais e livros de análise narrativa.

Artigo recebido: 20/03/2011

Artigo aceito: 30/07/2011

Referências bibliográficas

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Trad. Antonio de Pádua Danesi. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BRAIT, Beth. *A personagem*. São Paulo: Ática, 1985.

CANDIDO, Antonio et al. *A personagem de ficção*. 5ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1976.

FREYRE, Gilberto. “Características gerais da colonização portuguesa do Brasil: formação de uma sociedade, agrária, escravocrata e híbrida”. In: _____. *Casagrande & senzala*. 48ª ed. São Paulo: Global Editora, 2003.

GANCHO, Cândida Vilares. *Como analisar narrativas*. São Paulo: Ática, 2002.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Trad. Laurent Leon Schaffter. São Paulo: Vértice, 1990.

LUFT, Lya. “O internato”. In: _____. *O silêncio dos amantes*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

_____. *O rio do meio*. 18ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.